



Sítio Baru, Pirenópolis, GO: em busca de uma vida sustentável, vivendo no campo e interagindo com a cidade

Eridani Isaacs Vasconcelos¹; Priscila Martins; Viviane Santos Pereira; Julia Yagui Sendretti

¹eridaterra@gmail.com

Eixo temático: Juventudes e Agroecologia

Apresentação

Eridani Isaacs Vasconcelos¹ (vivenciou e escreveu este relato de experiência)

Viviane Santos Pereira² (sugeriu e orientou a escrita deste relato de experiência)

Priscila Martin³ (revisão do relato de experiência)

Julia Yagui Sendretti* (revisão do relato de experiência)

¹Agricultor de autoconsumo, permacultor, biólogo, prestador de serviços agroecológicos e mestrando em Desenvolvimento Sustentável e Extensão (UFLA)

²Professora, pesquisadora e extensionista do Departamento de Administração e Economia (UFLA)

³Cocriadora e coordenadora do projeto "Morada Natural" e mestranda em Desenvolvimento Sustentável e Extensão (UFLA)

*Graduanda em Administração (UFLA)

Contextualização da experiência

Este relato de experiência popular, pretende compartilhar um pouco da experiência vivida por mim, Eridani Isaacs Vasconcelos, durante 2010-2017, em que vivi no Sítio Baru, em Pirenópolis, GO, onde foi possível colocar em prática os princípios da agroecologia e da permacultura. Como fruto dessa experiência pretende-se destacar os benefícios alcançados desde a melhora na qualidade de vida, geração de conhecimentos e abertura de novas oportunidades.

Nasci e morei até os 7 anos de idade em uma comunidade agrícola artesã, chamada Terra Nostra, 30 Km da cidade de Pirenópolis, onde meus pais, Silvia Marina Isaacs, agrônoma, e Edmilson Vasconcelos, artesão, já trabalhavam com agroecologia, e começaram juntos a recuperar o solo e cultivar alimentos para autoconsumo. Por motivos de estudos, toda a família foi morar na cidade. No entanto, sempre se manteve o contato com nossa área cultivada (Sítio Aroeira) dentro da comunidade, que até hoje é manejada e cuidada pela família.

Em 1998, meus pais adquiriram uma nova propriedade, de 4 hectares, mais próxima da cidade (5 Km), a qual chamamos de Sítio Baru. Aproximadamente 90% da área do sítio é coberta por afloramentos rochosos e vegetação nativa do cerrado, restando apenas uma área cultivável de aprox. 4.000 m². De 2006-2008 foi construída a casa do sítio, com técnicas de bioconstrução, por iniciativa de meu irmão, Orion Vasconcelos, permacultor. Até final de 2010, ninguém morava no Sítio Baru.



Nesse entre tempo tive o privilégio de ingressar na Universidade Federal de Goiás (UFG), para me formar como Biólogo em 2009. Ainda durante a faculdade, em 2007, fiz o curso de Permacultura, Design e Consultoria (PDC) no Instituto de Permacultura e Ecovilas do Cerrado (Ecocentro – IPEC). O conhecimento da permacultura foi decisivo no seguimento de toda minha trajetória de vida, trabalhos e estudos. Após terminar a faculdade e trabalhar alguns meses no Ecocentro IPEC, em seguida saí para viajar, para conhecer experiências agroecológicas no Brasil (Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo e Distrito Federal, Amazonas) e na Colômbia.

Voltando de viagem, no final de 2010, tive a oportunidade de fazer o "Curso avançado em sistemas agroflorestais", ministrado por Ernst Götsch, no Sítio Semente, em Brasília. Conhecer os trabalhos do Ernest também foi essencial para aprofundar mais meu interesse sobre cultivar e como manejar os agroecossistemas. Em seguida, comecei a morar no Sítio Baru e buscar formas sustentáveis de viver.

Desenvolvimento da experiência: 7 anos no Sítio Baru

Partindo de investimentos já realizados pela família na aquisição da propriedade e na construção da infraestrutura básica (casa, água e luz), buscou-se enriquecer a agrobiodiversidade da propriedade, melhorar o solo e tornar o sítio mais bonito e abundante. Desde do início, o objetivo foi adquirir experiência em trabalhos relacionados a agroecologia, sistemas agroflorestais e permacultura, e com essas experiências poder oferecer serviços na cidade, me sustentar economicamente e investir no sítio.

No intuito de aprender a planejar e interagir com o meio natural, na tentativa de estabelecer sistemas sustentáveis, se desenvolveram várias experiências, principalmente relacionadas ao cultivo e manejo agrícola. A seguir apresentamos as principais atividades realizadas dentro do Sítio Baru:

a – sistemas agroflorestais sucessionais: o principal foco de trabalho no sítio foi realizar experiências agroflorestais, pois durante minhas viagens para conhecer outras experiências agroecológicas, tive a impressão que as pessoas/famílias que trabalham com sistemas agroflorestais estavam com uma previsão de futuro mais abundante e tranquila, isso quando comparado com propriedades que apenas cultivavam hortaliças e grãos orgânicos. Logo, decidi colocar mais energia para me aprofundar no assunto.

b – cultivo diversificado de hortaliças, condimentos e ervas medicinais: seguindo os princípios do design permacultural, para poupar energia, procuramos ocupar todos os jardins ao redor da casa (zona 1) como plantas alimentícias, aromáticas e medicinais.

c – paisagismo e jardinagem agroecológica: ainda seguindo os princípios da permacultura, optou-se, em todo sítio, por um paisagismo funcional, comestível, terapêutico e diversificado.

d – produção de mudas em viveiro e estufa: para aproveitar melhor as sementes e outros materiais vegetais de reprodução, utilizamos viveiros para mudas de plantas frutíferas e madeiras, e já para a produção de mudas de hortaliças e ervas foram



construídas pequenas estufas, para criar um ambiente mais controlado para o desenvolvimento das mesmas.

e – manejo e aproveitamento de plantas alimentícias não convencionais (PANC's): com ajuda de livros e de conhecimento tradicional, conseguimos fazer melhor aproveitamento das PANC's, que se apresentam como uma importante fonte de nutrientes para completar a dieta e contribuir para a segurança alimentar.

f – beneficiamentos de produtos agrícolas: mesmo com uma produção relativamente pequena, sempre foram gerados excedentes que não seriam consumidos imediatamente. Logo, como alternativa costumávamos desidratar as bananas, pimentas, ervas e outros vegetais, para conservar os alimentos e posteriormente nos alimentarmos, ou para comercializar.

g – extrativismo: no cerrado existe uma variedade de produtos que podem ser aproveitados, entre estes os que mais conseguimos coletar e usar durante esse período, foram: baru, pequi, jatobá, cajuzinho e cagaita. Outro recurso, que destacamos a importância, foi a lenha disponível na propriedade, pois esta abasteceu a cozinha no sítio pelos 7 anos.

h – culinária: na busca de alimentar-se de forma saudável, e graças a alguns cursos de alimentação, começamos a preparar refeições com alimentos mais frescos e crus, aproveitando melhor a água e os nutrientes dos vegetais.

i – compostagem: os restos de alimentos sempre foram compostados, para posterior utilização como adubo orgânico.

j – irrigação: devido à sazonalidade na região, marcada por aproximadamente 6 meses de chuvas e outros 6, de seca, fez-se necessário a instalação de sistemas de irrigação. Para conseguir maior liberdade e possibilitar passar períodos ausente do sítio, o sistema de irrigação foi automatizado.

Em paralelo, como fruto das experiências no Sítio Baru, foram surgindo habilidades e serviços que puderam ser oferecidos e negociados na região com pessoas, ONG's, empresas e prefeitura. Apresento a seguir os principais serviços que foram ofertados: **Design Permacultural; Sistemas agroflorestais; Jardinagem agroecológica; Restauração de áreas degradadas; irrigação; Podas em Altura; e Saneamento ecológico.**

Para oferecer esses serviços, inicialmente, durante um período de 10 meses de feira, aproveitávamos para comercializar alguns produtos agrícolas e beneficiados, e divulgávamos os serviços. Depois, a divulgação continuou boca a boca e com apoio de um site (www.ambientesustentavel.eco.br) criado em parceria com outros amigos prestadores de serviços.

Desafios

Durante o percurso dessa experiência, algumas limitações e desafios estiveram presentes, e com certeza contribuíram para o amadurecimento e conhecimento da realidade. Entre as principais limitações, podemos destacar: *escassez de recursos financeiros e mão de obra; pouca "terra de cultura"*, tanto em quantidade como em qualidade; e a *escassez hídrica*, pois passamos por momentos difíceis durante algumas secas. E entre os desafios, destacamos: a *situação de morar sozinho no*



sítio; a dificuldade de captação de recursos para sustento e investimento no sítio; e os entraves pessoais e burocráticos na prestação de serviços.

Principais resultados alcançados

Nessa busca por sustentabilidade, considero que avançamos nos conhecimentos relacionados às seguintes áreas: Permacultura, Agriculturas (Orgânica, Sintrópica, Agroecologia e Sistemas Agroflorestais), Botânica, Agrobiodiversidade (Tabela 1), Economia, Alimentação e Culinária. E, mais especificamente, podemos destacar a profissionalização em algumas áreas, como: reconhecimento e manejo de espécies nativas e cultivadas; recuperação de áreas degradadas; revitalização de solos; jardinagem e paisagismo agroecológico; sistemas de irrigação; arboricultura (podas); e manejo de material orgânico.

Avaliando a **questão social**, o fato de estar próximo da cidade auxilia na sociabilidade, pois no sítio em si, a maioria dos momentos foram vivenciados sozinho. Como já foi destacado anteriormente, é um desafio viver na zona rural, que nesse caso, mesmo sendo perto da cidade, ainda assim a solidão é uma característica presente no campo. Para superar esse desafio, uma boa alternativa foi abrir o sítio para receber voluntários, o que aumentou a sociabilidade dentro das porteiras da propriedade.

Na **questão ambiental**, acredito que o impacto foi positivo, pois foi possível enriquecer a agrobiodiversidade do sítio, melhorar a condição dos solos trabalhados, regenerar e preservar os recursos naturais. Em 2017, foi realizado um levantamento rápido da agrobiodiversidade no sítio, na qual foram listadas 124 espécies de plantas que são manejadas. E nos serviços realizados, principalmente nos de jardinagem e paisagismo agroecológico, acredito que foi possível mostrar que é possível criar ambientes belos, diversificados, produtivos e 100% orgânicos.

Na **avaliação econômica**, considero que foi possível conhecer melhor o mercado, adequar-se às demandas, e criar novos nichos, que me possibilitaram trabalhar e arrecadar recursos para suprir as necessidades básicas e investir um pouco mais em materiais, ferramentas e em capacitação pessoal. No entanto, vale ressaltar que é preciso organizar muito o modo de captação de recursos financeiros, principalmente na valorização dos trabalhos oferecidos e na organização da produção do sítio, para que essa também possa contribuir financeiramente.

Em relação à **qualidade de vida**, primeiramente, ressalta-se o prazer e os benefícios de viver no campo e aprender diariamente com a natureza. O privilégio de poder consumir alimentos frescos e saudáveis. Além de todos os conhecimentos que surgiram dessas experiências possibilitaram trabalhar e ser valorizado fazendo o que acredito. E com a renda gerada nesses trabalhos, pude adquirir alguns outros bens e serviços que contribuíram para melhora na qualidade de vida, entre estes destaco por exemplo: moto, roçadeira, motosserra, motocultivador, computador, equipamentos de segurança em altura (escalada de árvores), equipamento de som, instrumentos musicais, viagens e cursos. E ainda, atualmente consegui juntar recursos para me



afastar temporariamente dos trabalhos do sítio e me dedicar ao Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, na Universidade Federal de Lavras. Espera-se que essa experiência do mestrado possibilite aumentar as opções para continuar trabalhando por uma sociedade solidária e sustentável.

Disseminação da experiência

Esse conhecimento vivenciado e adquirido foi compartilhado com dentro dos ciclos de amizades, vizinhanças, familiares, clientes e voluntários. O Sítio Barú recebeu voluntários da rede WWOOF (World Wide Opportunities on Organic Farms), com os quais pôde compartilhar e trocar experiências, com pessoas de vários lugares de Brasil e do mundo. Recebemos também uma visita de servidores públicos da Secretaria de Meio Ambiente e Agricultura de Inhumas – GO. Em 2013, organizamos uma “vivência ecológica” no sítio, onde tivemos oficinas de bioconstrução, agroflorestas, paisagismo agroecológico, culinária natural e medicina Ayurvédica. Também foi possível disseminar um pouco da experiência em cursos no Ecocentro IPEC, onde pude contribuir como instrutor de Sistemas Agroflorestais. Ainda, tive a oportunidade de contribuir em oficinas de agroecologia para crianças, na COEPI (Comunidade Educacional de Pirenópolis).

Contudo, concluo que foi muito positiva essa experiência de viver no sítio e sempre que possível quero continuar cuidando da terra, produzindo alimentos e compartilhando conhecimentos. Com esse relato pretendeu-se demonstrar que existem possibilidades, principalmente para os jovens, de integrar os trabalhos e conhecimentos da zona rural com a oferta de serviços agroecológicos na cidade. Além disso esse relato pretende estimular pessoas que tenham afinidade com a vida rural, afirmando-lhes que pode valer muito experimentar esse estilo de vida, mas que também estejam atentos e cientes aos desafios e limitações de cada realidade. Logo, vale ressaltar que é possível viver mais livremente, de forma simples e digna, produzir alimentos, interagindo e respeitando a natureza e as pessoas. Como aprofundado por Amartya Sen, 2010, o caminho para um desenvolvimento equilibrado é justamente a liberdade. O grande efeito social gerado quando o indivíduo pode agir e gerar mudança de acordo com seus valores e perspectivas. “Ter mais liberdade melhora o potencial das pessoas para cuidar de si mesmas e para influenciar o mundo, questões centrais para o processo de desenvolvimento” (SEN, 2010, p.33).

Finalizo, ressaltando a necessidade de mais apoio, como de políticas públicas, para estimular que as/os jovens tenham maior acesso à terra e condições de permanecer na zona rural. O Campo precisa de gente!

Bibliografia

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.